

# ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO EM DIFERENTES ESCALAS

**Autor: Dr. Diego Rial.**

Instituição: Universidade Politécnica da Catalunha.

Diretores de tese: Prof. Dr. Carlos Alonso e Prof. Dr. Javier Biurrun.

E-mail: d.rial@hotmail.com

## RESUMO

Neste artigo, procura-se apresentar resultados de investigação doutoral sobre a modalidade de projeto de redesenho. Nela, foram compreendidos alguns mecanismos pelos quais territórios, cidades, bairros e edifícios respondem ao redesenho de seus sistemas internos e interações. Pautada pela análise de contextos urbanos e obras, foi proposta uma abordagem de projetos de intervenção. Delineada por critérios geográficos, técnicos e sociais, apresentam-se resultados sobre estratégias identificadas em casos de estudo. Primeiro, aprendeu-se sobre algumas tentativas de redesenho em contextos urbanos; num segundo momento, entendeu-se como projetos de redesenho funcionam respeito sua paisagem urbana, entorno imediato e nos processos internos da obra intervinda. Finalmente, dividiram-se estratégias entre urbanísticas e arquitetônicas no intuito de evidenciar mecanismos pelos quais o caso estudado articula estas dimensões. O artigo expõe ainda como tais resultados traduzem-se ao interior do objeto teórico a ser redesenhado e a abordagem se desdobra como metodologia.

**Palavras-chave:** Redesenho; Reabilitação; Projeto.

## ABSTRACT

*In this article, we seek to provide doctoral research results, concerning the type of redesign project. In it, we understood mechanisms by which regions, cities, neighborhoods and buildings respond to redesign of internal systems and interactions. Guided by analysis of urban and construction contexts, it proposed an approach to intervention projects. Delineated by geographic, technical and social criteria, are presented results on strategies identified in case studies. First, was learned about some attempts to redesign in urban contexts; secondly, was understood as redesign projects work about its urban landscape, immediate surroundings and the internal processes of the work intervened. Finally, were divided into strategies of urban design and architecture in order to highlight mechanisms by which the case study articulates these dimensions. The article explores how such results are reflected in the interior of the theoretical object to be redesigned and the approach unfolds as methodology.*

**Keywords:** Redesign; Rehabilitation; Project.

## 1 CONTEXTOS OU SISTEMAS

Ao identificar o objeto arquitetônico como campo de percepção, o limite territorial do redesenho - atividade de projeto que transforma o ente arquitetônico pré-existente - passa, desde uma perspectiva marginal, pela relação entre cidade e história. A percepção do território como espelho físico de seus habitantes é fundamentada no território construído, o que possibilita sua interpretação. Na modalidade de projeto de redesenho, a tarefa de identificar quais arestas devem ser aparadas e quais elementos mantidos, é fundamental. Nela residem aspectos que devem ser considerados para mantermos a leitura específica e agregar valor ao edifício, espaço urbano ou sistema de espaços redesenhado, nas escalas cidadinas e territoriais. Estes aspectos envolvem, entre outros, a tecnologia (infraestrutura), a cultura (todo o escopo social) e a arte (os signos urbanos e sua ressignificação).

O objeto arquitetônico se inscreve num sistema de objetos. Os limites do redesenho, portanto, não são os impostos pelo primeiro, mas, em última análise, pelo próprio território. Temos que, da noção de território postulada por Benévolo (1987), há de se tomar em conta o surgimento da ciência urbanística como subproduto da revolução industrial e, que a oposição entre visões de ordem político ou formal permeiam teoria e projeto. O percurso da investigação que resultou na tese de doutoramento "Redesenho: novas estratégias em contextos urbanos consolidados" (Rial, 2014) que mais interessou destacar com respeito a projetos e planos urbanísticos foi o implementado em Barcelona, entre os anos de 1986 e 2004. No entanto, o panorama geral abarcado, ao incluir projetos executados em três cidades europeias (Berlim, Londres e Barcelona) pôde evidenciar excelentes pistas sobre as práticas de redesenho em escala territorial e urbana que se apresentam no continente europeu. Pistas, inclusive, sobre seus reflexos que, após os exemplos citados - sem que se considerem estes como os mais importantes - explicitam certas condicionantes, alternadas entre significados políticos e formais (Solà-Morales, 2008), lidando com especificidades diversas e cuja resposta ao uso foi controversa em cada caso.

A investigação se interessou pela decrescente mudança de escala, conectando sistemas maiores a outros menores, dentro dos mesmos. O objeto arquitetônico, inerente a um sistema que se esgota nos limites do território, se incorpora a sistemas sucessivos, na medida que a sociedade se transforma e cria objetos cada vez mais integrados, não somente ao território, mas à região, entorno, imaginário, economia e demais sistemas, físicos ou não. Este processo pode ser acompanhado ao longo da transformação da cidade histórica de Barcelona, por exemplo, através do posterior papel estruturante de uma intervenção no patrimônio em seu interior: a reconstrução do Mercado de Santa Catarina, junto à operação urbana que ocorreu em seu entorno. Levantada essa esquematização, de sistemas dentro de sistemas, a pesquisa se lançou à análise de redesenhos em outros tecidos urbanos da capital catalã (o *Eixample* do Plano *Cerdà* e o Anel Olímpico de *Montjuïc*), além dos casos de estudo em São Paulo, Brasil. A **Teoria dos Sistemas** - empregada na estrutura da pesquisa - é compreendida a fundo desde sua formulação proveniente das ciências naturais e permeia a teoria de praticamente todas as disciplinas (Montaner, 2008).

Mais uma vez, reduzindo a escala, a investigação utilizou a premissa da *imagem mental* com relação ao espaço urbano onde os habitantes e visitantes, as pessoas que trabalham, passeiam e circulam pelas praças, ruas e outros dispositivos urbanos de um determinado conglomerado, criam um mapa mental, seja em maior ou menor grau (Lynch, 1960). O sentido de orientação, inato no ser humano, soma-se à pré-existência de um meio cultural que permeia de significado as formas, de acordo com o repertório individual do observador. Por tanto, há uma imagem mental que todos têm da cidade. A pesquisa dividiu e confrontou os sistemas urbanos entre culturalistas, como o bairro do *Borne*, em Barcelona, e progressistas, (Kohlsdorf, 1985) como o entorno urbano da Avenida Paulista, em São Paulo, e perguntou como se produz a inteligibilidade urbana dos usuários nesses espaços.

Tendo como hipótese verificar se existe a possibilidade de programar estratégias de redesenho em diferentes escalas, voltamos às dimensões da cidade e do território: as discussões sobre os papéis do edifício respeito a estes estratos superam em muito o seu aspecto funcional. Nessas escalas, sua carga simbólica gera mais interesse. As reordenações de uma cidade, ou território, partem dos mesmos princípios que as de um edifício, ou seja, repensar um sistema - no caso - para fins de participação comunitários. As concepções de paisagem no contexto americano, por exemplo, são distintas das europeias. Na América, estas passam pela construção do território tendo em vista o desafio natural, opondo-se à ocupação colonizadora e à noção de paisagem cultural. A produção do espaço urbano, ainda que seja um fenômeno principalmente social, era condicionada pelo estado, desde a fundação dos primeiros núcleos. Não obstante, as tendências entre transformação total, manutenção e reabilitação se alternam, nos séculos XIX e XX, de acordo com o interesse de distintos agentes. A influência urbanizadora europeia nesse continente é retomada, nos anos oitenta do século XX, com as intervenções baseadas no planejamento estratégico.

O caso de Barcelona, paradigma de tentativas de renovação urbana, foi exportado para a América Latina. A capital catalã renovou o conceito de *cidade empresa-cultural* (Arantes, 2000) e seguiu sua expansão de melhora urbana, desde a aventura olímpica até entrada a primeira década do século XXI. Por sua vez, as

idades americanas não conseguiram reproduzi-lo num esquema geral. Os planos de melhorias em cidades latino-americanas carecem, diferentemente de Barcelona, de uma cultura de planejamento associado ao projeto. Outro exemplo de renovação urbana estudado, o caso de Berlim, se assemelha aos exemplos americanos estudados: Buenos Aires (Puerto Madero) e São Paulo (revitalização do centro histórico). Postulado sob três nós e um pensamento urbanisticamente conservador, Berlim mistura intervenções pontuais ao redor de um eixo estruturante.

Essa modalidade de planejamento estratégico funciona de forma estreita a de uma organização regional, mas depende de políticas coordenadas e de projeto urbano vinculado a uma parceria entre iniciativa privada e poder público; necessariamente, a uma estrutura financeiramente potente. No caso específico da América Latina, foram adotadas com relativo grau de êxito, atendendo-se a intervenções de pequena escala, inclusive pontuais; muitas vezes confusas em quanto a marcos jurídicos e sem uma clara estrutura de projeto. Houve distância entre projeto e plano urbano. No entanto, ainda que as tentativas não espelhassem a implantação de seus modelos, algumas implementações foram interpretadas, revistas e adaptadas de forma criativa.



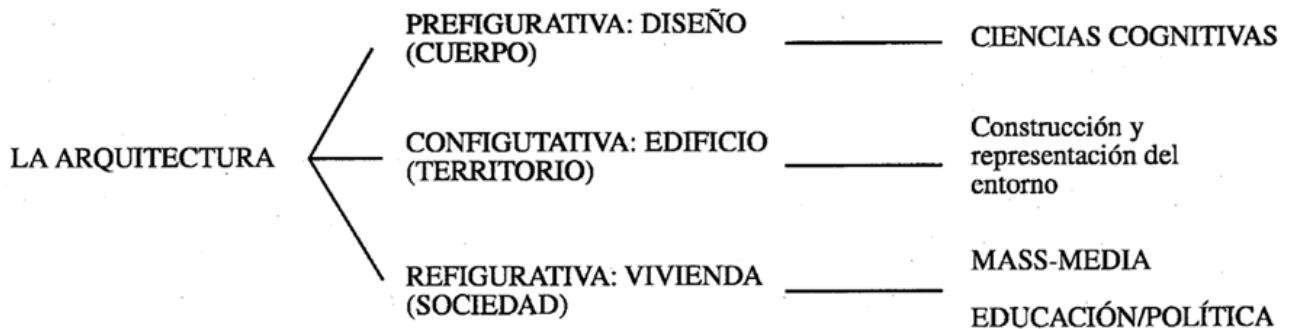
Igreja de *Santa Maria dei Fiore*. Inserção urbana; cúpula projetada por Brunelleschi. Florença. (Fanelli, 1980).

## 2 ESTRATÉGIAS URBANÍSTICAS

Não apenas os edifícios públicos, mas qualquer edificação mantém uma relação direta com o entorno. Se as relações simbólicas e infraestruturais se admitem como pertinentes nas escalas da cidade e do território, o desenho e o uso - relações sintáticas e pragmáticas - ganham maior protagonismo na escala intermediária. Dado que tratamos de encontrar meios de sistematizar uma produção qualificada tanto dos aspectos urbanos como arquitetônicos do redesenho, definimos um método onde se propõem duas estratégias de enfrentar o problema do projeto para a co-construção de uma peça arquitetônica ou de espaços urbanos integrais (Rial, 2014).

Esse modelo, que envolve uma dupla-estratégia, se desenvolve nos casos em que o próprio objeto a ser redesenhado se configura como textura de um extrato urbano e cuja materialidade se torna essencial para a manutenção da identidade do lugar. Há de vincular-se o entorno com os demais objetos remanescentes deste mesmo extrato. O processo de dupla-estratégia buscou, assim, transformar cada objeto arquitetônico em ponto de partida de coesão do espaço urbano, onde a estratégia urbanística possui um caráter mais

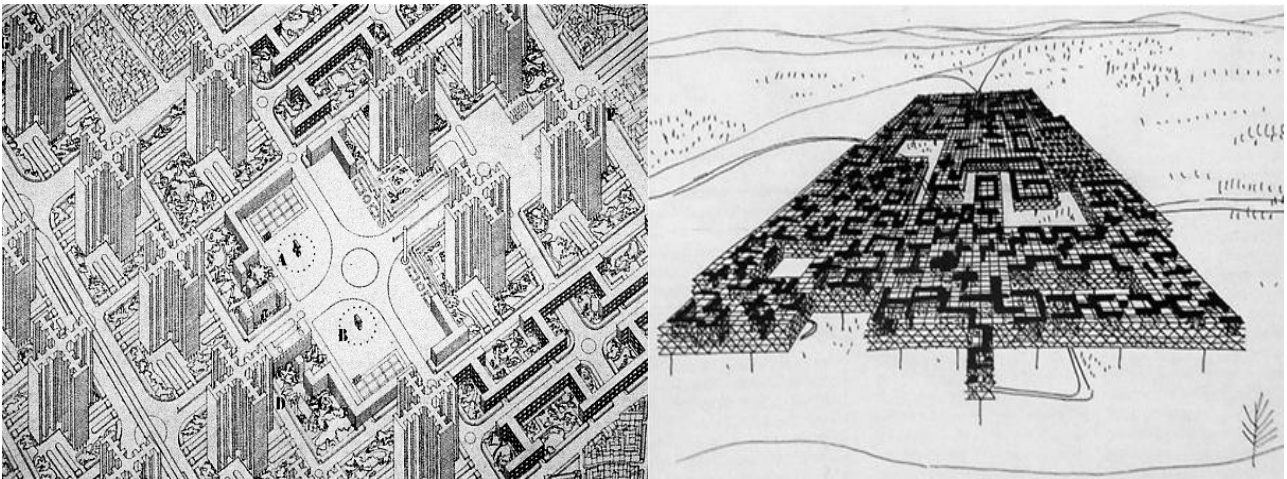
formal e a estratégia arquitetônica, por sua vez, um caráter mais estrutural. Para o desenvolvimento destes postulados, utilizamos ferramentas da semiótica, que foram empregadas na análise tanto dos contextos, como das estratégias. Estas ferramentas *têm* sido ministradas por linhas de pesquisas relacionadas com este estudo, na Universidade Politécnica da Catalunha e na Universidade de São Paulo. A semiótica *peirceana* e a *topogenética* possuem instrumental em comum e podem ser empregadas simultaneamente. As duas são teorias interacionistas, fundamentadas em tríades, cujo silogismo encerra o princípio do dilema.



**Topogenética: diagrama da arquitetura do lugar: “trazos y calendarios”.**  
(Muntañola, 2000).

Dado o objeto de conhecimento e, dentro dos aspectos urbanos do redesenho, partiu-se para a menção de uma série de condicionantes da modalidade, nessas escalas. O conceito de redesenho - especificado como projeto que muda, preservando o dado anterior - se diferencia ligeiramente quando afrontado desde a arquitetura e o urbanismo. Na escala intermediária, jogam condicionantes histórico-simbólicas; visuais; cinéticas e cognitivas; infra e supra-estruturais, ou ainda, ecológicas; que atuam de maneira decisiva e devem ser compreendidas no momento de traçar uma estratégia específica de prefiguração.

Estas, se adotadas no projeto do edifício, deveriam levar em conta o entorno imediato e o impacto urbano. Se adotadas no projeto do entorno urbano, teriam de atentar para os edifícios circundantes e vínculos formais com os espaços contíguos e a estrutura urbana. Se utilizadas em planejamento, deveriam relacionar sua estrutura com as distintas formas urbanas existentes.



**Utopias urbanas de duas etapas modernas: Le Corbusier, Plan Voisin (1925). Yona Friedman, Ville Spatiale (1960).**  
(Arquitetura Viva, 2011-2012).

## 2.1 Reorganização formal: estratégias urbanísticas

Da necessidade de vincular o objeto a ser redesenhado ao seu entorno, verificou-se a adequação que os casos de estudos selecionados na pesquisa promovem frente a seu sistema urbano. Foram associadas as escolhas projetuais de seus autores a signos que nomeiam as estratégias identificadas. Separadas tais escolhas em seus aspectos urbanísticos e arquitetônicos, aqui nomeamos as posturas que tais edifícios desenvolvem com respeito ao seu entorno. Os exemplos se restringem a edificações, mas o método de análise pode ser extrapolado a espaços públicos e semipúblicos.

Em planejamento, existiria uma inversão metodológica, na qual a reorganização deveria partir da estrutura. No entanto, as estratégias de redesenho em planejamento urbano não se consideram aqui como parte de

uma realização de um arquiteto determinado ou estúdio. As estratégias de planejamento, excluindo as propostas utópicas e totalizantes, extrapolariam as propostas pessoais ou de pequenos grupos e não seguem o modelo analisado a seguir, ainda que se considere importante a análise e compreensão destas e as interações entre projeto e plano urbano.

Identificadas as estratégias urbanísticas, estas foram nomeadas na tese apresentada como: **contraposta; mimética; aglutinante; tentacular; bunker; limítrofe**. Elas correspondem, respectivamente, aos edifícios estudados em Barcelona (*Mercat de Santa Caterina, Estudi i Habitatges a Balmes, Estadi Olímpic de Montjuïc*) e em São Paulo (Centro Cultural FIESP, SESC Fábrica da Pompeia, Estação Júlio Prestes/Sala São Paulo de Concertos).



Vestíbulo do Edifício da FIESP, com seu Centro Cultural inserido a *demi-étage*, afastado do limite da calçada. (Rial, 2014).

As estratégias estudadas, urbanísticas ou arquitetônicas, possuíram caráter retórico. Não obstante, qualquer poética projetual pode avançar na caracterização de novas estratégias; este seria um campo aberto. A semântica dos títulos atua somente como um indicativo de intenções recuperadas pela análise - estritamente nos casos estudados - epistemológica. Para além dos nomes, a ideia é a de que suas características possam ser extrapoladas e os títulos reinventados em futuras intervenções, desde que correspondam aos partidos de projeto de seus autores.

### 3 ESTRATÉGIAS ARQUITETÔNICAS

Além das implicações para com o espaço público, o objeto redesenhado busca manter as relações essenciais pelas quais a massa edificada existente deve permanecer. Dessa massa, a extração do supérfluo - os elementos e partes cuja função já não interessa - é um procedimento cuja transcendência se verifica no uso futuro. De vínculo e textura do espaço, no plano arquitetônico, o objeto volta-se ao tempo e seus reflexos. Deve-se salientar, no entanto, que as eleições acerca do que se deve, ou não, ser eliminado são referentes ao que suas partes significavam no passado e se, atualmente, ainda são necessárias.

O problema do tempo no redesenho é um problema, sobretudo, acerca da virtualidade e da memória. Uma estratégia espacial pode ser refeita, invertida; uma estratégia temporal, não. Tal problema se evidencia, exatamente porque vivenciamos o final de uma era e início de outra (Tafuri, 1982); da industrial à eletrônico/informacional. Nesses termos, começa a desapareção do objeto arquitetônico e da materialidade, como fenômenos culturais. Segundo a pesquisa, o redesenho deveria manter as relações pertinentes de memória e geometria como premissas de uma continuidade saudável da cidade; a manutenção, ou criação de um *cronotopo dialógico* (Bajtín, 2005). A desapareção do objeto arquitetônico contemporâneo seria, então, mediada pela continuidade do objeto anterior, o que resultaria, por meio de uma estratégia arquitetônico/urbanística, num **meta-objeto**.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A nova grafia estipulada pelo acordo ortográfico da língua portuguesa de 1990 prevê a escritura das palavras **não-objeto** e **meta-objeto**, sob as formas de **não objeto** e **metaobjeto**. O autor prefere manter a grafia antiga por questões de coerência conceitual.

A pesquisa encontrou, na escala arquitetônica, outras condicionantes, não só de projeto, como de construção e uso; e que atuam - segundo a teoria aplicada - em níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos. O projeto seria condicionado por contrastes de valores materiais e simbólicos, que mediam sua funcionalidade e contraste, associados à arte e técnica. Por sua vez, esses contrastes se desdobram nos universos da construção e do uso. Em projeto, a desapareição do objeto, devido às suas formação e informação; na construção, a técnica universalizada frente à disponibilidade de mão de obra local; no uso, as questões de memória e patrimônio - todas estas condicionantes, desenvolvidas na pesquisa citada e, abaixo, brevemente explicitadas:

**“proyecto:** *las nuevas tecnologías provocan una relación híbrida entre geometrías producidas en dos matrices distintas (euclidiana y no -euclidiana) y, por lo menos tres procesos intelectuales y constructivos están implicados: rediseño de un objeto o sistema de objetos “vernacular”, por medio del diseño técnico; rediseño de un objeto o sistema de objetos “técnico”, por medio del diseño técnico; rediseño de un objeto o sistema de objetos cualquier, por medio de parametrización y modelos complejos;*

**construcción:** *la práctica de la construcción, en el caso brasileño, se ve pautada por condiciones culturales de una cierta antropofagia: de apropiación del léxico moderno bajo el modus operandi de las auto - construcciones. El aprendizaje, en cantera, de técnicas de hormigón y la adaptación, en ella, del programa colonial. (...) Otros países, en sus épocas de industrialización, donde el Modernismo siguió caminos semejantes, quizás no hubo el fuerte entrelace con la cultura local, como pasó en Brasil. En Cataluña, la tradición artesana es responsable por experiencias de edificios constructivamente elaborados y que poseen características modernistas conjugadas a detalles hechos bajo una mano -de-obra especializada que sustituía, en su momento, la carencia de una industria de prefabricados. En el caso del rediseño, las condicionantes constructivas pasan por comprender las referencias culturales, con vistas a la conservación del patrimonio, sin pérdida de la identidad de la obra rediseñada;*

**uso:** *(...) el arquitecto debe estudiar el uso anterior de la obra rediseñada, como si fuera un cronista. Puesto que el problema de la memoria es fundamental en la estrategia adoptada y una condicionante directa del uso de los lugares. El uso pasado se refiere a la memoria que recuerda; el uso futuro, a la memoria que busca. La imaginación del usuario, un puente que le permite adecuarse al uso presente.” (Rial, 2014).*

### 3.1 Reorganização estrutural: estratégias arquitetônicas

Com base na necessidade de transformar o objeto a ser redesenhado a uma nova configuração, verificou-se a composição que os casos de estudos selecionados promoveram frente ao sistema arquitetônico anterior. Foram associadas as escolhas projetuais de seus autores a signos que nomeiam as estratégias identificadas, como nas estratégias formais/urbanísticas. Neste momento da pesquisa, apresentamos as posturas que tais edifícios desenvolveram com respeito ao seu “texto” anterior, numa retroalimentação projetual. Os exemplos se restringem a edificações, mas o método de análise pode ser extrapolado a espaços públicos e semipúblicos, relacionando-se à configuração de sua estrutura interna. Em planejamento, não existiria uma inversão metodológica, pois a reorganização deve partir da estrutura. No entanto, as estratégias de redesenho em planejamento urbano não se consideraram na investigação, já explicitado, como parte de uma realização de um arquiteto determinado ou estúdio. As estratégias de planejamento, excluindo as propostas utópicas e totalizantes, extrapolam as propostas pessoais ou de pequenos grupos e não seguem o modelo analisado, ainda que se considere importante a compreensão destas e as interações entre projeto e plano urbano.



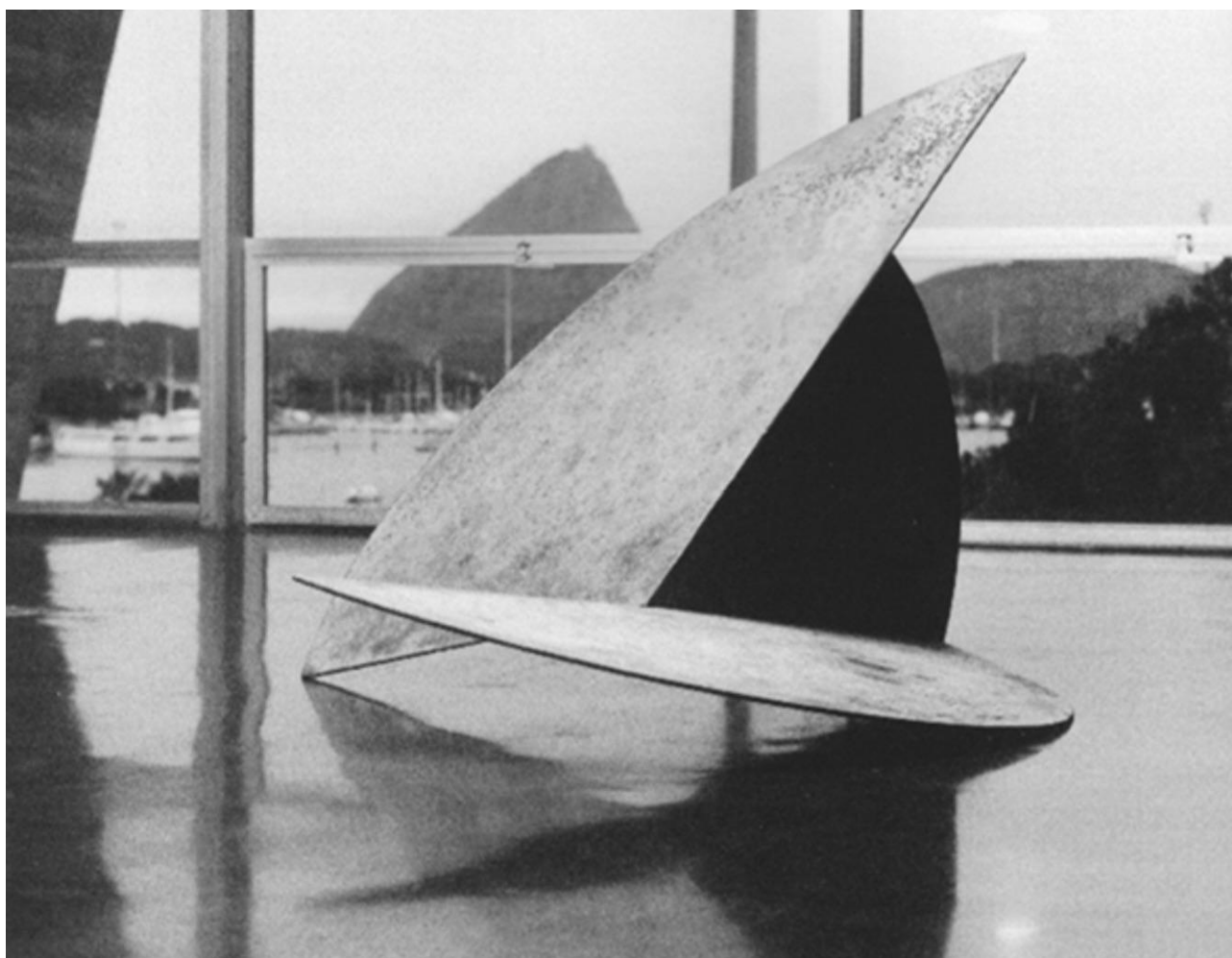
Tribunas do Estádio Olímpico de Montjuïc, em 1954 e 1989.  
(BCN Metròpolis Mediterrànea, 1990 e Gregotti, 1990).

Identificadas as estratégias urbanísticas, estas foram nomeadas na tese apresentada como: **subversiva; mutante; topográfica; parasita; lúdica; fantasma**. Elas correspondem, respectivamente, aos edifícios estudados em Barcelona (*Mercat de Santa Caterina, Estudi i Habitatges a Balmes, Estadi Olímpic de Montjuïc*) e em São Paulo (Centro Cultural FIESP, SESC Fábrica da Pompeia, Estação Júlio Prestes/Sala São Paulo de Concertos).

#### 4 CONTEXTOS OU OBJETOS

O redesenho de um equipamento urbano, de um edifício, ou até de um artefato, tem suas peculiaridades em cada caso. Entretanto, em todos, a pré-existência do objeto (ou sistema de objetos) anterior é o grande diferencial. Contextualizou-se, no decorrer da investigação, a primeira das operações clássicas que buscam a desconstrução do existente e projeção do novo, sob a ótica que gostaríamos de especificar, no âmbito da arquitetura e do urbanismo, que foi a tradução do objeto como um **não-objeto**.

A dupla-estratégia engloba suas partes urbanística e arquitetônica nos contextos de subtração (não-objeto) e inter-relação (meta-objeto). Antes de apresentar os processos que levam ao não-objeto e, posteriormente, ao meta-objeto, foi necessário compreender que esse binômio não condiciona a dupla-estratégia de forma linear, ou seja, não se procede à produção do não-objeto na estratégia urbanística e do meta-objeto na estratégia arquitetônica, respectivamente.



**Sem título (em ferro).** Amílcar de Castro, final da década de 50 do Séc. XX. Um não-objeto neoconcreto. (Brito, 1999).

A estratégia que utiliza a nomeação (a semântica) como dispositivo de diferenciação, independente da necessidade de manutenção literal dos nomes adotados; é pensada no jogo semiótico que define a relação, esta sim, necessária entre objetos e sistemas sucessivos. Uma proposta metodológica que pretende redesenhar, não só o novo equipamento, mas redefinir as relações existentes entre arquitetura e urbanismo em contextos consolidados, a partir do objeto anterior.

O suporte, na escultura, e o marco, na pintura (Gullar, 2007), são o que para o projeto arquitetônico é o papel e, para a construção, o terreno. Atualmente, a interface dos softwares é o novo papel; este, relegado

à condição de “suporte do suporte”, servindo, como muito, para impressão de planos (salvo os croquis e representações pré-documentais).

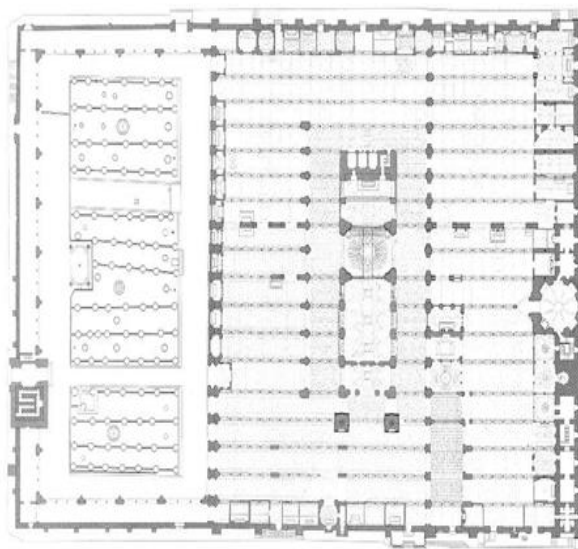
Rapidamente, as obras construídas obsoletas se transformam em “suportes” de novas construções e, assim, plantas-base de projetos de redesenho. Este trajeto, discutido na investigação como condicionante arquitetônico do redesenho e inspirado na teoria da arte, motiva um procedimento pelo qual podemos aplicar a dupla-estratégia. Instrumentalizando o objeto anterior, transforma-se o antigo em suporte, invertendo a lógica do não-objeto artístico (Gullar, 2007). A proposta de subtração consciente, caracterizando um não-objeto arquitetônico, consiste em ressignificar esta etapa, tendo em mente a dupla-estratégia urbanístico/arquitetônica, espacial e temporalmente; reinverter a relação alternada na confecção do suporte, em busca de conexões físicas e simbólicas, de memória e de geometria, que possam manter, transmutar ou viabilizar uma inter-relação. Esta última, entre estrutura territorial/forma urbana e forma urbana/estrutura arquitetônica. No que tangenciou nossa problemática, os processos internos a que sofre o objeto quando redesenhado e, neste momento, denominado de não-objeto, são de caráter relacional e procuram potenciar conexões para com o entorno, formalmente, ou seja, adequar a forma urbana que o circunda ou limita e produzir, assim, um meta-objeto.

Este último seria, de acordo com nosso argumento, o produto de estruturações entre o objeto anterior e o novo objeto. O meta-objeto, nesse ínterim, se comporta como um objeto relacional para com o meio, que conservaria os valores estruturais e simbólicos pertinentes ao objeto redesenhado e formalmente vinculado ao sistema urbano, objetos e outros possíveis meta-objetos. Propôs-se, portanto, uma alternativa estruturante a um sistema urbano auto-organizativo e inter-relacional, obviamente, não como solução ao problema geral do espaço urbano, mas como alternativa plausível.

Se o conceito de não-objeto deriva dos espaços da arte, o de meta-objeto provém da linguística; e este termo, na atualidade, é utilizado com mais assiduidade nos campos da informática. Não obstante, a aparição de máquinas que efetuassem cálculos matemáticos em velocidade e exatidão incansáveis por métodos analógicos, produziu interesse por linguagens computacionais no meio artístico (Marchán, 1986). Extrapolamos, na tese, após os argumentos desenvolvidos, os problemas de estética, cognição, afetividade, reflexão, fruição física e mental do espaço (e suas inter-relações, reais e virtuais), etc., não somente ao vasto campo da arquitetura e urbanismo, mas também ao nosso recorte.

Foi construído todo um percurso na definição dos resultados esperados sobre o procedimento de criação do meta-objeto através do não-objeto e, dentro de um esquema detalhado na tese doutoral, referida neste artigo. O meta-objeto, em arquitetura, somente se configura na dupla-estratégia, pois contempla a inter-relação entre escalas urbanas, arquitetônicas e internas, ou ainda, ao sistema urbano, que também se modifica em sua presença. Quanto mais meta-objetos existam em determinado sistema, mais interconectados estariam aos objetos existentes e assim, mais coerentes com aquele, que pode se tornar auto generativo e potencialmente inclusivo: nem êmico, nem fágico (Bauman, 2000), ou seja, nem excludente, nem totalizante.

O método da dupla-estratégia; o instrumental de reconhecimento, *a priori*, da escritura e, a posteriori, dos parâmetros de redesenho (Rial, 2014) e o procedimento de transformação do objeto podem gerar um modelo alternativo, ao provocar relações entre escalas, em edifícios dinamizados e estrutura urbana mutante, porém, conservativa.



**Mesquita/Catedral de Córdoba: última ampliação da Aljama e planta geral, com reunião de todas as etapas.**  
(Arquitectura en Al-andalus, s/d).



Buscaram-se, na pesquisa, identidades dinâmicas, que conseguissem ser espelhos físicos do avanço cultural e tecnológico, evitando a criação de guetos e tensões territoriais, por um lado, e não-lugares, espaços vazios, espaços fechados ou platôs de vias limitantes, por outro. A proposta buscou soluções, por exemplo, à proliferação dos subúrbios cercados e das plataformas de circulação limitantes, que definem boa parte do espaço urbano atual. O que se depreende, também, da observação, análise e projeto de edifícios e espaços de intervenção em contextos urbanos consolidados em suas diferentes escalas, é que as topografias encontradas, por haver sido alguma vez manipuladas, determinam uma infinidade de níveis de deformação e que tal modalidade é um exercício - como em todos os projetos, mas, sobretudo, no redesenho - de equilíbrio. Existem exemplos, não apenas contemporâneos, dessas aplicações.

## 5 CONVERGÊNCIAS/EQUALIZADORES

Após um percurso que procurou compreender o fenômeno do redesenho e suas implicações enquanto *“modalidade de projeto no tempo, considerando a radical aceleração tecnológica e difusão da cultura global; e no espaço, tendo em vista a dicotomia presente no desenvolvimento entre a cidade europeia e a latino-americana”* (Rial, 2014), a maioria das impressões confirmaram-se, ainda que algumas delas, não.

Da premissa inicial, onde se admitia o aumento da incidência e necessidade do redesenho como solução plausível em cidades congestionadas pela massa construída, por um meio ecológico em constante degradação e problemas econômicos, a constatação de viabilidade e crescimento da prática foi categórica. Uma segunda interrogante: se a influência do câmbio social vertiginoso que atingiu estes contextos demandava, não só o incremento deste tipo de projeto, como interferia no seu *modus operandi*, tanto em nível urbano, quanto arquitetônico.

A resposta, não tão categórica e melhor compreendida após a análise dos casos de estudo, mostrou-se igualmente positiva. Perfilou-se uma terceira interrogante: se as matrizes urbanas na Europa e, nos contextos mais específicos e casos de estudo de edificações, em Barcelona, poderiam gerar respostas diferenciadas daquelas nas matrizes urbanas na América e, igualmente especificando, para os casos na cidade de São Paulo. A resposta tende a ser negativa, ou seja, as diferenças entre a cidade europeia e a americana não determinam grande diferenciação na prática do redesenho, ainda que as visões de território e patrimônio sejam bem distintas.

Considerou-se que o redesenho é, cada vez mais, viável como alternativa em contextos urbanos consolidados; que a convergência tecnológica e a desmaterialização, tanto física, (materiais mais leves, informatização, pré-fabricação, etc.) quanto social, (flexibilidade laboral, novas dinâmicas familiares e institucionais, etc.) implicam novas condicionantes de projeto de redesenho; o fenômeno que alguns associam à globalização, mas que envolve fatores diversos, equaliza os dois contextos, sendo que a prática do redesenho - mais em projeto arquitetônico, e menos em plano urbano - é praticamente a mesma nos dois continentes e cidades estudados, o que não implica homogeneidade.

Existem, no entanto, fatores regionais decisivos entre uma e outra intervenção. Portanto, como a pesquisa indicou, a modalidade de redesenho se incrementa, suas técnicas se radicalizam, convergem e se equalizam, buscando maior adequação à dinâmica social que à especificidade local. A partir da análise, refigurativa, são propostos um procedimento, um instrumental e uma metodologia, prefigurativos, que foram depurados ao longo da investigação e visaram somar-se às alternativas existentes de projeto de intervenção, ou redesenho. Esses, preocupados em formular uma resposta estratégica e coerente com o que foi investigado, que compreende os contextos urbanos como dotados de identidade e, ao mesmo tempo, potenciais de mudança, numa perspectiva plural.

Esperou-se, com o modelo proposto, além de aumentar o leque de abordagens de projeto, servir de material para o ensino e compreensão dos processos linguísticos, dos sistemas de objetos e das disciplinas associadas ao projeto arquitetônico em suas diversas facetas.

### 5.1 Lugar e fato urbano; época e fato arquitetônico

O objeto arquitetônico participa como ícone das requalificações de zonas degradadas, assim como elemento de coesão espacial no redesenho de setores pontuais. Nesse sentido, a pesquisa salientou que os edifícios são utilizados como mote das renovações urbanas na América Latina, como demonstraram ser os galpões de Puerto Madero, ou os edifícios culturais do Centro de São Paulo, na tríade Estação Júlio Prestes/Sala São Paulo de Concertos - Estação da Luz/Museu da Língua Portuguesa - Pinacoteca do Estado. Nos casos estudados em Berlim, Londres e Barcelona, é o sistema urbano que tende a redesenhar-se, utilizando projetos pontuais como complemento dessas operações. Mesmo no caso de Berlim, os três eixos/nós definidos foram vinculados a espaços urbanos e à linhas estruturais da cidade. As operações de Londres e Barcelona, cada uma em sua especificidade, abarcavam planos de média e grande escala, como bolsões de bairros e trechos de bairros, ou mesmo um bairro inteiro.

Da pesquisa extraiu-se que, ainda que o modelo de “Planejamento Estratégico” tenha sido difundido nos dois continentes, a falta de critérios de inter-relação entre projeto e plano urbano diferenciam um modelo de outro. Influem, inclusive, as diferenças de desenvolvimento e perspectivas territorial/paisagísticas entre essas cidades. Não obstante, o modelo de habitação/circulação da cidade industrial se manteve e equalizou as duas realidades, ao longo do século XX. Dessa forma, as diferenças constituintes das estratégias gerais empregadas aos dois lados do Atlântico não configuram modalidades de redesenho - em urbanismo - completamente diferentes.

As semelhanças e diferenças nas duas cidades em que mais aprofundou-se o estudo (Barcelona e São Paulo), no entanto, demonstraram que certas características culturais e geográficas se espelham na forma urbana, principalmente na escala intermediária. Tendo em vista que são duas metrópoles onde a questão do planejamento é tratada de maneira díspar, as falhas e atributos de uma não invalidam a leitura crítica da outra. Vimos que, tanto em planejamento, como em desenho urbano, o lugar determina as condicionantes de redesenho, menos pela sua base construída e histórica que pela sua configuração social e formal. São as dimensões éticas e lógicas que freiam a dimensão estética na co-construção de espaços urbanos diversos e qualificados.

Os casos de estudo analisados enquanto estratégias urbanístico-arquitetônicas demonstraram a habilidade projetiva que determinados estúdios e profissionais desenvolvem ao ler as especificidades do entorno e a importância simbólica e funcional dos objetos redesenhados. Se nos casos de Barcelona pode-se encontrar uma predominância do cuidado com o detalhe e a repetição de padrões, isto se deve ao fato, não só dos edifícios anteriores serem de uma época histórica onde os materiais utilizados eram apenas manufaturados e suas escala e fragilidade denotarem o tempo em que foram construídos. Além do mais, o aporte pessoal dos arquitetos contribuiu às novas relações.

Os redesenhos na cidade de São Paulo, se diferenciam-se dos barceloneses, o fazem no tipo e antiguidade do objeto anterior. Os materiais encontrados já são industrializados e os equipamentos solicitados à renovação já pertencem à era industrial. Pode-se dizer o mesmo sobre o aporte pessoal dos profissionais paulistas.

Quanto ao resultante novo projeto, há mais semelhanças entre os casos, por significação, que por localização. Nas comparações, os projetos de cidades diferentes, muitas vezes assemelham-se, e nota-se que, no entorno imediato, é tão importante a relação funcional quanto a ambiental.

Portanto, a importância paradigmática no projeto de redesenho reside mais na mudança de relações entre épocas sociais e construtivas que entre distâncias culturais e geográficas, ainda que tais temas sejam essenciais para o sucesso do redesenho. O que se constatou na investigação foi que todos estes temas possuem relevância em seus contextos.

## **5.2 Abordagem projetual: instrumental, procedimento e método**

Ao longo de todo o trabalho, foram identificados parâmetros de redesenho cuja transcendência só se verificava após a obra terminada. Advoga-se que a pré-concepção de determinados termos pode condicionar de forma negativa o redesenho, entendendo que a percepção do processo *a posteriori*, ou seja, sua definição modal, seria mais indicada apenas quando a obra seja terminada. O inverso ocorreria com a escritura. Defende-se a percepção dos processos de feitura do suporte como condição de projeto, onde este começaria assim que as bases se confeccionem e relacionando o estado anterior da obra como um instrumental, tanto quanto as outras ferramentas de projeto.

O procedimento que segue a instrumentalização propôs-se pela tríade objeto/não-objeto/meta-objeto. Se postula em concomitância com a época em que vivemos, onde a desmaterialização vem condicionando uma série de atividades e numa tentativa de evitar a generalização dos lugares sem, no entanto, torná-los herméticos. Esta alternativa, em sua estética, busca uma interpretação versátil dos valores plásticos e pictóricos dos lugares; em sua ética, a busca pela pluralidade na cidade contemporânea, evitando sistemas fechados ou, por outro lado, homogêneos; em sua lógica, procura a economia de meios e a sustentabilidade do meio, evitando também grandes destruições de matéria construída, descarte de material reutilizável e produção/consumo excessivos.

O método da dupla-estratégia é uma forma de abordagem de projeto de redesenho que adota a instrumentalização e o procedimento brevemente descritos acima, além da conscientização das dimensões urbana e arquitetônicas inerentes a qualquer obra e, ainda, de sua desvinculação, devido à forma com que tanto urbanismo como arquitetura se desenvolveram. A dupla-estratégia atenta para esta problemática e, através das ferramentas utilizadas, como as da semiótica e da topogenética, busca criar condições para um lugar co-construído e que dialoga com seus níveis sucessivos.

No artigo apresentado desenvolveu-se um panorama geral do percurso de investigação que culminou na metodologia apresentada e que foi lida no formato da tese de doutoramento, nas dependências da Universidade Politécnica da Catalunha no início do curso de 2014-2015.

## BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, O. (1988). *Arquitetura simulada*. Em: A. NOVAES, (comp.) *O Olhar* (257-271). São Paulo: Companhia das Letras.
- , VAINER, C. e MARICATO, E. (2000). *A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Arquitectura en Al-andalus. Documentos para el siglo XXI*. (s/d). Barcelona: Lunwerg.
- BAJTÍN, M. (2005). *Estética de la creación verbal*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- BAUMAN, Z. (2000). *Modernidad líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Argentina.
- Barcelona metròpolis mediterrània. (1990). Barcelona: Ajuntament de Barcelona.
- BRITO, R. (1999). *Neoconcretismo. Vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. São Paulo: Cosac & Naify.
- BUSQUETS, J. et al. (2004). *La ciutat vella de Barcelona: un passat amb futur*. Barcelona: Adjuntament de Barcelona, 2004.
- DOMÍNGUEZ, L. e SORIA, F. (2004). *Pautas de diseño para una arquitectura sostenible*. Barcelona: UPC.
- FANELLI, G. (1980). *Firenze. Le città nella storia d'Italia*. Roma: Laterza.
- FERRO, S. (2006). O canteiro e o desenho. Em: *Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac & Naify.
- GREGOTTI, V. (1990). *Cinque dialoghi necessari*. Milão: Electa.
- GULLAR, F. (2007). Teoria do não-objeto. Em: *Experiência Neoconcreta: Momento-limite da arte*. São Paulo: Cosac & Naify..
- HILLIER, B. (2007). *Space is the machine. A configurational theory of architecture*. Londres: Space Syntax (electronic ed.).
- KOHLSDORF, M. E. (1985). *Breve histórico do espaço urbano como campo disciplinar*. Em: *O espaço da cidade. Contribuição à análise urbana*. São Paulo: Projeto.
- LYNCH, K. (1960). *A imagem da cidade*. Lisboa: 70.
- MARCHÁN, S. (1986). *Del arte objetual al arte del concepto*. Madri: Akal.
- MONTANER, J. M. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporáneos*. Barcelona: Gustavo Gilli.
- MUNTAÑOLA, J. (2000). *Topogénesis. Fundamentos de una nueva arquitectura*. Barcelona: UPC.
- PEIRCE, C. S. (1982). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- PIGNATARI, D. (2004). *Semiótica da arte e da arquitetura*. São Paulo: Ateliê.
- PIÑÓN, H. (2003). *Paulo Mendes da Rocha*. Barcelona: UPC.
- Revista Arquitectura Viva nº 136. (2011). *Escenarios urbanos*. Madri: Arquitectura Viva.
- nº 144. (2012). *Brasil construye*. Madri: Arquitectura Viva.
- RIAL, D. (2014) *Redesenho, Novas estratégias em contextos urbanos consolidados*. Barcelona: UPC.
- TAFURI, M. (1982). *La arquitectura del humanismo*. Madri: Xarait.